

A.V. 69

REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Agosto de 1926

N.º 20

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Dr. José Veiga
Alduino Estrada

SUMMARIO:

A "Revista Escolar."

QUESTÕES GERAES: 1 — Palestras sobre ensino. 2 — A educação. 3 — Ambiente e disciplina escolar. 4 — O ensino de Geometria.

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Geographia. 2 — Linguagem. 3 — Geometria. 4 — Zoologia. 5 — Arithmetica. 6 — Physica.

EDUCAÇÃO PHYSICA — *Jogos escolares*: 1 — Veados e moitas. 2 — Pegador em marcha. 3 — Passe! 4 — Labyrintho. 5 — Caverna. 6 — Nympha.

PEDOLOGIA: 1 — A imaginação e suas variedades na criança. 2 — A evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — A colla. 2 — As escovas. 3 — O chifre. 4 — A voz. 5 — O escaphandro. 6 — Os submarinos.

INSTRUÇÃO PUBLICA: 1 — (Da mensagem presidencial.)

LITERATURA INFANTIL: 1 — A madrugada no campo. 2 — O cantaro encantado. 3 — Palavras de minha mãe. 4 — Mandamentos. 5 — Um bom conselho. 6 — A chuva e as plantas. 7 — "Faze o bem, mas sem ostentação." 8 — Algumas fabulas. 9 — De volta da guerra. 10 — O jardim da vovó.

VULTOS E FACTOS: 1 — Annita Garibaldi.

O ENSINO EM S. PAULO.

O "FOLK-LORE" NA ESCOLA: 1 — O grachaim e o gambá. 2 — Historia de caboclo.

LIVROS, REVISTAS ETC.

SECRETARIA DO INTERIOR: Varios despachos.

S. PAULO - Brasil

1926

pareceu o ultimo vestigio de sentimento de familia, suas relações terão sido inspiradas e elevadas pela influencia sentimental dessa convivencia.

Si isto é certo, o primeiro problema que espera a nossa solução é: como aceitar e utilizar os principios e ideaes pertencentes á ethica familiar. Não quer dizer que a ethica familiar, que toda criança conhece, seja a mais elevada, mas é a unica que ella conhece quando vem á escola, é aquella que lhe é real e significativa, aquella que tem determinado o seu genio e a sua conducta. Póde a escola, fazer outra coisa sinão edificar sobre o alicerce que já está plantado? Uma vez que essa ethica é a unica de que dispõe a criança, uma vez que fez della o que ella é, seria mais que loucura abandonal-a, desprezal-a. O que é preciso, é saber aproveitall-a, na formação do character e dos sentimentos da criança, na sua educação, emfim.

O ENSINO DA GEOMETRIA

Eu não posso compreender porque o ensino da geometria continúa na escola primaria méra disciplina sem finalidade practica, apenas como elemento morbido, indigesto e abhorrivel.

Na minha vida magistral combati sempre o dessorado systema de se querer infiltrar conhecimentos geometricos através duma enfadonha collecção de sólidos, que as crianças manejam com indifferença ou horror, e umas figuras no quadro preto cuja applicação jámais encontram na vida quotidiana.

Aprendi geometria assim; ou, antes, me ensinaram assim, e eu só vim a compreender esse conjunto de admiraveis conhecimentos quando me fiz homem e já possuia um diploma de escola superior.

Pergunte-se a um pequeno em que pensa aproveitar as noções de triangulos, sectores e áreas e elle ficará boquiaberto, julgando que estamos brincando.

E quando lhe mostrarmos um esquadro e lhe dissermos que é indispensavel na construcção de caixas, bancos, mesas, carros, navios, no traçado de parallelas e perpendiculares, na applicação, emfim, de mil e uma questões geometricas, o pobrezinho sorrirá, como a duvidar de que tudo isso seja geometria. E' que a geometria que lhe ensinaram foi aérea, illogica, incompreensivel.

E, no entretanto, nenhuma disciplina escolar é mais util, mais necessaria, mais applicavel na vida e nenhuma outra apresenta maior facilidade de aprendizagem por processos praticos, intuitivos.

Na modelação do barro, no recorte ou dobramento do papel, nos trabalhos de carpintaria, na construcção de papagaios e outros brinquedos infantis, no encapar de livros, na feitura de embrulhos, na confecção de roupas para bonecas, na cobertura das carteiras, mesas, moringues, armarios e mais objectos da escola, no traçado dos canteiros, na organização de graphics, no levantamento de plantas etc., etc., ha oppor-tunidades excellentes para o ensino de quadrilateros e polygonos, tangentes, cordas e áreas.

Por que se ha de preferir a nomenclatura árida das linhas, dos angulos e triangulos, a série immensa das formulas e das regras ás lições dadas deante do objecto e conseguintemente fóra da classe, nas officinas, nos museus, nos laboratorios, nos jardins, nas hortas, nos pomares, nos campos, á beira-mar, em toda a parte, emfim, onde o discipulo possa fazer as suas observações e onde tenha alguma coisa a aprender?

Por que o ensino theorico, livresco, entorpecente e não vivo, attraente, palpitante?

Cerremos fileiras contra essa arcaica orientação; lancemos o grito de guerra, e que a nossa reacção seja immediata, prompta, efficaz.

P. DEODATO DE MORAES.

P. — Ha, pois, tres especies de complementos essenciaes. Quaes são, Pedro?

A. — (Mostrando os desenhos.) O *directo*, que são directamente do verbo; o *indirecto*, que é ligado por outra palavra, e o *predicativo*, que completa o verbo *sêr*.

GEOMETRIA

A PYRAMIDE

A grande curiosidade que certas gravuras despertam no espirito das crianças é um bom incentivo para obter dellas a attenção e facilitar-lhes a aquisição de conhecimentos.

Professor. — Como sei que gostam de figuras, vou mostrar-lhes algumas muito interessantes. Vejam este mappa.

Alumno. — (Olhando uma gravura representando as pyramides do Egypto.) Que bonito!

A. — Isto é um deserto, não é?

A. — Ha de sêr; olhe os camelos.

A. — E isto aqui, o que será?

A. — Casas não são...

P. — São umas pyramides, celebres por mais duma razão. Levaram annos e annos para serem construidas. Nellas estão sepultados os *pharaós*, isto é, os reis do Egypto.

E' admiravel como ellas têm resistido durante centenas de annos!

A. — Então, essas pyramides hão de sêr muito interessantes!

P. — Milhares de pessoas têm ido até ao Egypto, especialmente para visital-as.

A. — Que formato esquisito que ellas têm!

P. — A sua fórma dá-lhes o nome. Tudo que tem essa fórma chama-se *pyramide*.

Veja, Carlos, aqui na nossa caixa de fórmulas, si você acha alguma *pyramide*?

A. — (Achando.) Este sólido se parece com as pyramides do Egypto.

A. — Este tambem; só é mais comprido.

P. — Ponha essas pyramides aqui emcima da mesa.

A. — Ficam bem direitinhas, em pé.

P. — Levante-se e mostre-nos em cada uma dellas o lado que assenta sobre a mesa.

A. — (Mostrando.) Nesta, o lado que assentou sobre a mesa é um quadrado; e nesta é um hexagono.

P. — Esse lado da pyramide é a sua *base*.

A. — (Mostrando.) A *base* desta *pyramide* é um quadrado, e a desta é um hexagono.

P. — Muito bem. Conforme as especies de base que têm, as pyramides são *quadrangulares*, *hexagonaes*, *pentagonaes*, *triangulares* etc.

A. — As do Egypto são quadrangulares.

P. — (Tomando uma pyramide quadrangular e mostrando as faces lateraes.) — Onde ficam estas faces, quando a pyramide está de pé?

A. — Ficam dos lados.

P. — Como estão collocadas aos lados da base, chamam-se *faces lateraes*.

Mostre-me, Luiz, as faces lateraes.

A. — (Mostra.)

P. — Quantas faces lateraes tem essa pyramide?

A. — Esta tem *quatro faces lateraes*.

P. — E a pyramide hexagonal quantas terá?

A. — Tem *seis faces lateraes*.

A. — A pyramide tem tantas faces lateraes quantos forem os lados da base.

P. — Muito bem! A base determina o numero de faces lateraes da pyramide.

Que fórma, que geito têm essas faces lateraes, nesta pyramide? (Mostrando uma pyramide quadrangular.)

A. — Ahi são triangulares.

P. — E aqui? (Mostrando uma pyramide hexagonal.)

A. — Ahi tambem são triangulares.

P. — As faces lateraes de qualquer pyramide são sempre triangulos.

A reunião de todos estes triangulos fórma a *superficie lateral* da pyramide.

A. — E de todos, juntos com a base?

P. — Fórma a *superficie total*.

A. — Todas as *faces lateraes* encontram-se aqui emcima.

P. — Esse ponto de encontro de todas as faces lateraes chama-se *vertice*.

A. — O vertice é o cume, o pico da pyramide.

A. — Descendo do vertice, aqui do lado, os triangulos tambem se encontram.

P. — Como se encontram?

A. — Dois a dois.

A. — Em linhas rectas inclinadas.

P. — O ponto de encontro de duas faces, a junção de duas superficies chama-se *aresta* da pyramide.

A. — O numero de arestas tambem é determinado pelo numero de lados.

A. — Então, esta pyramide tem quatro arestas, porque sua base é quadrangular.

P. — Sim, tem quatro arestas lateraes... E aqui na base não se encontram faces?

A. — Ah! E' verdade, as faces lateraes encontrando-se com a base, formam outras quatro arestas.

A. — A pyramide quadrangular tem *oito arestas*.

A. — O dobro do numero de lados da base.

P. — Justamente. (Mostrando uma pyramide pentagonal obliqua.) — E esta, que fórma tem?

A. — Parece uma pyramide que está caindo.

P. — Tem base?

A. — (Mostrando.) Assenta em um pentagono.

P. — E as faces lateraes são triangulos?

A. — São, mas não todos eguaes!

A. — As faces lateraes encontram-se todas aqui no *vertice*.

P. — Esta é uma *pyramide pentagonal obliqua*.

A. — E as do Egypto?

P. — São *pyramides rectas*.

A. — Quando ficam em pé, direitinhas, deviam ser *pyramides perpendiculares*.

P. — Quando a perpendicular traçada do vertice cae no centro da base, a pyramide é *recta*.

A. — Quando cae fóra, é *obliqua*.

P. — Essa perpendicular é a *altura* da pyramide.

A. — As pyramides do Egypto, ali pintadas, têm altura bem maior que estas que temos nas mãos!

ZOOLOGIA

OS CARNIVOROS

O ensino das differentes disciplinas deve despertar o interesse da criança, ensinal-a a observar e a pensar. E' preciso encaminhal-a a observar e raciocinar e não encher-lhe o cerebro de regras, definições etc.

Professor. — (Indicando um mappa zoologico aos alumnos.) Conhecem os animaes que aqui estão representados?

Alumno. — Eu conheço, professor: nesse mappa eu vejo o gato, o leão, o tigre, a onça...

P. — E você, Manoel, que animaes está vendo?

A. — Eu vejo o cão, o lobo, a raposa...

P. — Muito bem. Qual de vocês sabe me dizer o nome que outro dia demos a esses animaes?

A. — Eu sei, professor. O leão, o tigre, o lobo, a onça, o gato etc., são animaes carnivoros.

P. — Exactamente... mas, porque?

A. — E quando fica zangado, arna-se de cada unha!

P. — Diz-se que o gato tem unhas *retracteis*, que elle esconde com facilidade.

A. — O cachorro já não tem unhas assim.

A. — As suas unhas não são afiadas e recurvadas, como as do gato.

P. — Os carnívoros, como o gato, o tigre, o leão, a panthera, a onça etc., que têm garras *retracteis*, pertencem á familia dos *felinos*.

A. — E o cachorro?

P. — O cão, o lobo, o chacal, pertencem á familia *canina*.

A. — A familia dos cães?

P. — Isso mesmo.

A. — O cão e o gato não são ferozes...

P. — Esses são carnívoros domesticos e que nos prestam bons serviços.

A. — Os outros carnívoros são terriveis!

P. — Sim; essa ordem encerra os animaes mais ferozes.

A. — Só o leão!..

P. — Quanto ao leão, sua força e intrepidez são taes, que bem merece elle o nome de *rei dos animaes*.

ARITHMETICA

SEGUROS

A questão de seguros é tão importante na vida moderna, que seus aspectos mais geraes devem ser ensinados na escola.

A utilidade e importancia pratica e o lado tecnico do assumpto precisam ser accentuados.

Alumno. — O senhor viu o incendio que houve hontem na fabrica de moveis da rua X...?

Professor. — Não vi, mas li, nos jornaes, que o fogo destruiu quasi todo o edificio.

A. — Eu fui vêr e ouvi diversas pessoas falarem que a fabrica estava no seguro e, por isso, os donos não iam perder muito...

A. — Mas, como é que não vão perder?

A. — E' mesmo... quem lhes pagará o que o fogo destruiu?

P. — Paga a companhia em que a fabrica estiver segurada.

A. — Mas, eu não entendo como é que as companhias podem pagar!

A. — Nem eu!

P. — Já vão saber. Quem põe sua casa, ou seu negocio, ou sua fabrica etc., no seguro, ou entra para uma companhia de seguros, faz um contracto que lhe garante uma indemnização em caso de perdas ou danos resultantes de certas causas.

Esse contracto é feito por um certo praso e mediante determinada somma paga a companhia. E' com as quantias pagas pelos segurados, que a companhia pôde satisfazer a indemnização de que falamos.

A. — Ah... Agora compreendo bem: a companhia paga indirectamente: é com o concurso de todos os segurados.

P. — Exactamente.

A. — Eu tambem entendo melhor: aquelles que pagam seus seguros, em certa companhia, em caso de incendio, por exemplo, duma propriedade segurada na mesma companhia, ajudam assim a pagar a propriedade que se queimou.

P. — Justamente.

A. — Eu queria bem saber o que tem a policia com os incendios. Porque manda ella guardar as casas onde houve incendio?

P. — A policia precisa proceder á vistoria e a inquerito, para verificar as causas do incendio.

A. — Para vêr si foi proposital ou não?

P. — Isso mesmo, e si foi proposital, a companhia nada terá que pagar.

Nem todos os seguros são contra fogo. Ha seguros contra roubos, seguros *maritimos*...

A. — Esses são contra naufragios?

P. — Sim: contra naufragios, incendios nos navios, estragos pelas aguas do mar etc.

A. — Ih!... Quanta sorte de seguros!

P. — Nos logares assolados por tempestades e furacões, ha até seguros contra tempestades.

A. — Hoje em dia até os *automoveis* se põem no seguro!

P. — Esses e outros são seguros que fazemos para garantir nossas propriedades. Podemos tambem fazer seguros *pessoaes*.

A. — A familia recebe o dinheiro depois que a gente morre?

P. — Nem sempre; depende da natureza do seguro. Ainda ha os seguros contra doenças e accidentes.

A. — E' uma boa coisa!

P. — Si é! Todo homem, especialmente chefe de familia, deve ter sua vida no seguro.

A. — E' preciso escolher bem a companhia!...

P. — Sim. Umhas offerecem maiores vantagens do que outras, mas todas são fiscalizadas pelo governo.

P. — Assim é bom, porque o governo nos protege!

P. — Quasi todas as companhias são organizadas como meio de emprego de capital.

A. — Quando a gente faz um seguro, assigna um contracto, não é?

P. — Sim. Esse *documento* ou contracto entre o *segurado* e a companhia, ou *seguradora*, é chamado *apolice*.

A. — E o que marca o contracto ou apolice?

P. — (Mostrando á classe uma apolice.) O *texto* da apolice determina todas as condições debaixo das quaes são feitas as garantias contra as perdas e danos: — *quantia segurada*, *taxa*, *premio*, *tempo* e outras especificações necessarias.

A. — E' preciso determinar o tempo?

A. — Eu pensava que o seguro era para sempre!

P. — O seguro contro o fogo é geralmente renovado annualmente. Raramente as apolices são para 3 annos, e nunca mais do que para 5 annos.

A. — E no fim desse tempo?

P. — E' preciso renovar a apolice, ou então perder o direito ao seguro.

A. — E a taxa?

P. — De *uns tantos por cento* sobre a *somma* segurada.

A. — E qual é a taxa que se costuma pagar?

P. — Depende da natureza do negocio asegurado, da seguranga que o edificio offerece em caso de incendio etc.

A. — As fabricas e officinas estão mais sujeitas a incendios que as lojas.

A. — As fabricas de phosphoros e os depositos de gasolina devem pagar taxa bem alta!...

P. — As taxas variam entre $\frac{1}{8}$ do valor da quantia segurada, até 5%.

(Os problemas de seguro não encerram difficuldades, e qual o alumno que depois desta palestra não quererá resolver problemas?)

P. — Vamos agora encher a apolice. Como chamaremos á nossa companhia?

A. — Eu sei: "Companhia Nacional de Seguros."

P. — Boa denominação! No verso da apolice escreveremos, em primeiro logar, o nome ou firma do *segurado*. Cada um de vocês póde dar um nome á sua firma.

A. — (Escrevendo.) A minha é: José Alves & Companhia.

P. — Embaixo deve ir declarada a natureza do seguro.

A. — Que é que eu escrevo? A minha casa é uma fabrica de cigarros.

P. — Escreva: "Mercadorias e machinismos."

Embaixo vae a *somma* segurada.

A. — Eu vou pôr 200:000\$000.

P. — Em seguida se escreve a data do vencimento.

A. — Daqui ha um anno. Em 29 de maio de 1927.

P. — Agora, o numero da apolice.

A. — Numero 11153.

A. — A capa está prompta. E dentro?

P. — A quantia segurada, outra vez.

A. — 200:000\$000.

P. — Vamos supôr que a taxa seja de $\frac{5}{8}\%$.

Faça a conta.

A. — $\frac{5}{8}\%$ de 200:000\$000 = 1:250\$000.

P. — Fóra outras despesas menores, como sejam: sellos imposto etc., etc.

A. — Mas, sáe barato, si acontecer a fabrica pegar fogo!

(*Variados problemas poderão sêr dados tendo-se o cuidado que sejam applicaveis á vida pratica.*)

PHYSICA

REFLEXÃO DA LUZ

(*Sobre a mesa pedaços de vidro, de papel branco, panno escuro, espelhos, facas, pratos de folha, bóla de borracha etc.*)

Alumno. — Que dia lindo!

A. — Como o sol brilha!

Professor. — Hontem você não poderia ter dito isso. Porque será que alguns dias são mais bonitos, mais claros do que outros?

A. — Porque, como o senhor já disse, nos dias escuros as nuvens interpõem-se entre o sol e nós, roubando-nos a luz.

P. — Toda?

A. — Felizmente não, sinão seria escuro, mesmo de dia.

P. — Então, o que será que o sol nos dá e as nuvens nos tiram?

A. — Luz.

A. — E calor. Os dias sem sol são muito mais frios.

P. — Muito bem. E quando o sol, se nos esconde, apparecendo no outro hemispherio?

A. — E' noite.

P. — E o que nos fornece claridade á noite?

"Até aqui, diz o doutor Howe, o acto tinha sido mecânico e o resultado pouco mais ou menos como si se ensinasse diversas habilidades a um cão intelligente. A pobre menina conservava-se num estado de admiração muda e imitava pacientemente tudo o que seu professor lhe prescrevia. Mas, depois, a luz da verdade pareceu surgir nella e sua intelligencia começou a trabalhar; ella notou que *tinha o meio de crear um signal* daquillo que se achava deante de sua alma e de mostral-o a uma outra alma, e desde ahi sua physionomia brilhou de intelligencia humana."

Laura Bridgeman aprendeu rapidamente a lêr, a escrever e a palestrar com outras pessoas. Depois, tornou-se professora num estabelecimento de surdos-mudos e compôz preces e hymnos que parecem de valor.

A EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(H. BOUQUET. — Trad.)

PRAZERES E PENAS

(Continuação)

Ahi observa-se apenas uma recusa e não uma verdadeira denegação, como a que exprimimos por este gesto, tanto que o seu contrario, isto é, o gesto de approvação da cabeça, não existe nessa época na criança e só apparecerá mais tarde.

Para tornar completas as expressões da criança nesse momento, só falta um elemento — a palavra. Quando esta apparecer, intervirá nessas expressões com um poder dominante, sem que desapareçam os outros meios de expressão, porque estes meios farão ainda parte da linguagem mimica, que persistirá durante um lapso de tempo consideravel.

O gráo mais elevado de soffrimento na criança como no adulto é, sem duvida, a dôr. Referimo-nos aqui á dôr physica, porque a criança, felizmente para ella, ignora nessa idade e ignorará por longo tempo ainda, que haja soffrimentos moraes capazes de ultrapassar os que devemos á imperfeição do nosso corpo e dos orgams nelle encerrados.

Ora, é um problema diagnostico que se apresenta perpetuamente a todas as mães o saber si seu filho soffre realmente ou, si ao contrario, se trata apenas duma colera, duma raiva sem abstracto real. Sua ternura, sua indulgencia natural para com o pequeno sêr, incita-as naturalmente a crêr sempre num soffrimento verdadeiro onde muitas vezes só existe capricho ou ligeiro aborrecimento. Em muitos casos, é preciso confessar, o diagnostico é difficil. A criança apresenta, em sua coleras subitas, uma tal violencia que nos leva a crêr na dôr, na maior parte dos casos, sobretudo si se trata duma criança cuja natureza ainda não se teve tempo de estudar e, portanto, de conhecer; mas, si o erro é possivel nesse sentido, elle não o é no outro, e o soffrimento real se traduz por meio de reacções que raramente deixam logar á duvida. Ha com effeito nos gritos que o soffrimento arranca a esse pequenos, uma acuidade e uma espontaneidade juntamente com uma persistencia, que é excepcional encontrar em outras circumstancias. E' num periodo de calma absoluta, outras vezes no decurso dum estado doentio que esses gritos se manifestam. O soffrimento é, com effeito, para a criança, uma surpresa e ao mesmo tempo uma dôr. A proposito, poderemos citar como exemplos os gritos que ecoam no silencio e na calma do somno. Depois, si a causa cessa bruscamente, não menos bruscamente renascerá a calma, para sêr de novo interrompida pelo grito subito, si a dôr reaparece.

Emfim, si esse soffrimento se prolonga, si essas exacerbações se tornam frequentes, ficará entre os periodos de reacção viva caracterizada pelos gritos, um estado de agonia e, pôde-se dizer, de espera, que tornaria o pequeno anormal, psychicamente falando.

Vê-se, pois, a differença entre os gritos devidos ao soffrimento e os resultantes da colera ou do capricho. Nestes ultimos

casos, sabemos que o riso está bem perto das lágrimas, que a calma é duravel, que a atenção se deixa facilmente desviar. É excepcional que estas ultimas manifestações sejam subitas. Ellas são precedidas dum periodo de máo humor ou por gritos cada vez mais fortes, que chegam progressivamente ao paroxismo. A acuidade é tambem particular nos gritos devidos ao soffrimento. Ella não está sempre em relação com a violencia deste; é devida á rapidez da sensação. Essa acuidade é acompanhada duma differença de timbre notavel e característica. Mas em realidade, estas differenças tão uteis de conhecer só serão notadas e interpretadas com nitidez, duma parte, pelos medicos habituados á presença dessas crianças, e doutra parte, pelos paes quando conheçam sufficientemente seus filhos para comprehender-lhes a dôr real e os gritos muitas vezes dramaticos, provocados simplesmente pela contrariedade ou pela colera.